

ENTREVISTA

Elcio Ito, Global CFO da Iochpe-Maxion

'Setor automotivo deve cair 30% em 2020'



Novo foco. Pandemia mudou hábitos de compra em mercados como China e Índia, diz Ito

Com a ação em queda de 41,6% no ano, executivo da fabricante de componentes projeta as saídas para a crise

Jenne Andrade

A pandemia do coronavírus derrubou economias do mundo inteiro e impactou fortemente até as maiores empresas globais. Foi o caso da brasileira Iochpe-Maxion, líder mundial em produção de rodas e componentes estruturais automotivos. A companhia, que tem 32 fábricas em 14 países, viu sua receita diminuir 56% no segundo trimestre de 2020. Como resultado do choque no segmento, as ações da empresa estão caindo 41,6% no ano.

“Como tínhamos pouca visibilidade, não sabíamos da profundidade e duração da crise. Um movimento forte que fizemos foi de reforçar a posição de caixa”, explica Elcio Ito, di-

retor financeiro global da Iochpe-Maxion.

De fato, a multinacional chegou ao final do segundo trimestre com R\$ 1,4 bilhão em caixa, valor três vezes maior que o observado em igual período, do ano passado. Na visão de Ito, o setor automotivo brasileiro deve recuperar mais para se recuperar do que nos demais países da Europa e América do Norte. “O País tem mostrado uma recuperação maior nos últimos dois meses, mas ainda muito abaixo dos volumes que a gente viu no ano passado”, diz o executivo.

Como está a recuperação do setor automotivo?

Uma consultoria muito reconhecida no mundo automotivo, chamada IHS, apontou que o mês de junho já mostrou uma recuperação importante. No segundo trimestre, o Brasil caiu em torno de 80%, a América do Norte, aproximadamente 71% e a Europa, 66%, na comparação com o ano an-

terior. Quando olhamos para o terceiro trimestre, vemos uma queda bem menor: no Brasil de 25% e, na América do Norte e na Europa, abaixo de 10%. A recuperação continua de forma consistente e gradual. O pior, que foi lá em abril, não estamos prevendo que aconteça novamente, pelo menos no horizonte próximo.

O que esperar do mercado brasileiro?

O Brasil entrou no ciclo do vírus um pouco mais tarde que os outros países. Isto é, o País tem mostrado uma recuperação maior nos últimos dois meses, mas ainda muito abaixo dos volumes que vimos no ano passado. E, mesmo com essa recuperação que tem se mostrado positiva e gradual, ainda assim vamos ter uma queda muito relevante em relação a 2019, ao redor de 30%.

Como o sr. avalia a redução do uso do carro em razão da pandemia da covid? É um novo comporta-

tamento?

Os novos comportamentos advindos da pandemia ainda estão na esfera das possibilidades. Muitos países ainda nem saíram da pandemia, como é o caso do Brasil. Mas o que percebemos foi que, em mercados que já estão um pouco na frente desse processo de recuperação, especificamente na China e na Índia, tem ocorrido uma demanda um pouco maior de veículos de entrada, que são um pouco mais básicos. Isso vem na tendência de as pessoas buscarem ter um veículo próprio, em vez de utilizar o transporte público. Mas isso está no início, não sabemos se será permanente ou temporário.

E a avaliação da chegada dos carros elétricos?

Os carros elétricos já eram no pré-pandemia e continuam sendo uma tendência. Em alguns mercados, acabam até colocando incentivos adicionais em relação aos veículos elétricos para fomentar a demanda. Do nosso lado, já fornecemos rodas e componentes estruturais que estão presentes nos veículos elétricos.

Hoje, o maior risco para o setor continua sendo o coronavírus?

Ainda tem uma incerteza grande sobre o próprio processo do vírus, então não dá para descartar totalmente que esse processo está finalizado. Mas, de forma geral, a indústria automotiva global tem seus altos e baixos, e vem em uma tendência mais estável, esses solavancos grandes que tivemos agora são mais difíceis de acontecer. Passado esse momento, ajustando nosso balanço, a ideia é continuar expandindo nosso crescimento de forma bastante forte.

Dólar a quatro reais? Só depois da vacina

Especialistas projetam valorização da moeda brasileira após eleições nos Estados Unidos e controle da covid-19

Thiago Lasco

A corrida pela descoberta de uma vacina contra a covid-19 vem alternando avanços e retrocessos, com testes clínicos frustrados e pesquisas científicas apontando novas esperanças. Para o mercado de moedas, as frequentes inversões de sinal fazem as expectativas alternarem entre um cenário mais positivo e outro mais negativo. E isso muda todo o comportamento das demais divisões perante o dólar americano.

Em caso de avanços concretos ou mesmo a chegada da vacina, o real e as demais moedas emergentes ganham força perante o dólar. Além disso, os contratos futuros de compra de euro e venda de dólar têm tendência de alta. Ou seja, o dólar perde força nesse cenário.



Efeito da crise. Dólar americano se valorizou frente ao real

Por outro lado, um cenário de expectativas mais negativas faz a moeda americana subir perante todas as demais moedas. Para Victor Hugo Cotoski, gestor de novos negócios da inglesa Infinox Capital, tudo isso se resume a uma busca menor ou maior por proteção.

“No calor da crise, a tendência do dinheiro dos investidores é migrar para títulos 100% seguros. Os mais procurados são os bonds do Tesouro norte-americano, em que a chance de

calote é praticamente zero”, diz o gestor da Infinox Capital.

Para onde vai o real? Na opinião do gestor da Infinox, três fatores poderiam ajudar o real a se valorizar perante o dólar: um cenário político mais favorável, com o andamento das reformas, sobretudo a administrativa; a mudança da taxa básica de juros para patamares mais elevados; e avanços concretos no controle da covid-19.

“Ainda que os juros subam,

em caso de ruído político muito grande, como um impeachment, nem com juros de 10% o estrangeiro vai querer investir em um país sem governança política, com risco exagerado”, pondera Cotoski.

Já o economista-chefe da Frente Corretora, Fabrizio Velloni, está convicto de que o fortalecimento da moeda brasileira é apenas uma questão de tempo. Havendo um cenário de melhora sanitária sem a descoberta da vacina, ele calcula que o dólar recuará para uma faixa entre R\$ 4,80 e R\$ 5,20 logo após a eleição presidencial americana.

Se houver vacina, porém, a projeção é ainda mais otimista, com dólar entre R\$ 4 e R\$ 4,70, faixa que ele considera o “preço de equilíbrio” da moeda.

“O cenário de privatização é muito positivo, pois gera receita para os cofres do governo, alivia o déficit público e tira pressão sobre o dólar”, diz Velloni.

Artigo

Seguro, precisa explicar

ANTONIO PENTEADO MENDONÇA



Na maioria das vezes, as coisas e os fatos têm explicação lógica, dentro do campo normal. Acontecem por uma série de fatores que não precisam da ajuda de milagres, trabalhos, forças ocultas ou escrita nos astros. Simplesmente acontecem porque acontecem, e se, às vezes, parece que uma mão mágica se colocou debaixo e evitou o pior, é porque não era para o pior acontecer e a explicação, até quando não parece clara, não foge ao mundo dos vivos e das causas naturais, mais ou menos complexas, mais ou menos raras, mas inseridas no campo dos fenômenos possíveis dentro da realidade da vida.

Da mesma forma que a regra vale para as relações pessoais, vale para as relações empresariais, políticas e sociais. Milagre é mais complexo e mais raro do que imagem de santo chorar ou time de futebol não ser rebaixado.

E o setor de seguros não é exceção à regra. Na maioria das vezes, acontecem ações concretas, levadas a cabo em cima da realidade, que podem ou não ter resultados positivos.

E assim que vários planos de saúde privados tiveram, no primeiro semestre, um resultado muito melhor do que o esperado depois que a pandemia se instalou no País. Com a pandemia correndo solta, o número de casos aumentando, as mortes se tornando rotina e chegando na casa de mil por dia, uma análise menos cuidadosa do cenário poderia dar a impressão de que os planos de saúde privados não escapariam à sorte da maioria dos negócios que derreteram, afetados pelo coronavírus.

A explicação não é difícil de ser encontrada e é absolutamente lógica. Em primeiro lugar, se no início a doença atingiu pessoas de classes sociais mais elevadas, com o tempo a covid-19 deixou os bairros de classe média para invadir as periferias, ou seja, contaminou usuários do SUS.

Além disso, a pandemia teve como consequência o represamento do uso dos planos, pelo medo de contrair a doença. Assim, os procedimentos eletivos foram adiados ou cancelados, reduzindo a sinistralidade dos planos privados ao longo do semestre. Finalmente, a redução do número de segurados por causa do desemprego não foi imediata e simultânea, o que evitou a queda brusca do faturamento. Mas este quadro deve piorar no segundo semestre.

Com relação aos seguros de pessoas, a pandemia até agora matou perto de 130 mil brasileiros. Mas as mortes não aconteceram simultaneamente, foram se dando ao longo dos meses e aumentado à medida que o semestre chegava ao fim.

Além disso, é pouco provável que 10% dos mortos por covid-19 tivessem seguro de vida. E, para compensar, com o isolamento social houve a redução do número de mortos em acidentes de todos os gêneros.

A contratação de seguros novos de todos os ramos sentiu o baque e apresentou forte queda. Especialmente em abril, o número de seguros de veículos zero quilômetro caiu para patamares ridículos. E os outros seguros não tiveram desempenho muito diferente. Em comparação com 2019, foi um período dramático, mas em maio o setor já apresentou uma pequena recuperação em relação ao mês anterior. Se bem que, na comparação anualizada, os números continuassem negativos, a pequena variação para mais mostrou que o Brasil tem enorme capacidade de recuperação e indicou que a recessão de 2020 pode ser menor do que a inicialmente prevista.

Ninguém espera que o ano termine com o setor de seguros nadando de braçada para pegar a onda da retomada acelerada do crescimento. Isso não existe e a principal razão é que o País está longe de sair do buraco ou de, simplesmente, controlar a pandemia e trazer seus números para baixo.

A população jogou o coronavírus na conta e resolveu tocar em frente, sem se preocupar com o vírus continuando solto e matando perto de mil pessoas todos os dias. Como ouvi de um chileno que veio para cá, a sensação dele, comparando as realidades sanitárias dos dois países, é que o Brasil não tem coronavírus. E isso vai nos custar caro.

O ano será muito difícil para milhões de pessoas que perderão seus empregos e para empresas que quebrarão ao longo do caminho. Dentro deste quadro lamentável, o setor de seguros será dos menos afetados.

* SÓCIO DE PENTEADO MENDONÇA E CHAR ADVOCACIA E SECRETÁRIO-GERAL DA ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS

broadcast mercados

VALORES DE MERCADO REFERENTES AO PREGÃO DE 25/09/2020

IBOVESPA: 96.999,38 PONTOS • DIA -0,01 (%) | MÊS -2,38 (%) | ANO -16,12 (%)

Maiores altas do Ibovespa			
RS	Var. %	Neg.	
SUZANO SA ON NM	4814	4,65	22.419
WAVAREJUNO ON NM	17,72	3,99	66.706
LOCALIZA ON NM	59,00	1,74	23.478

Maiores baixas do Ibovespa			
RS	Var. %	Neg.	
MULTIPLAN ON N2	20,12	-2,99	25.025
PETROBR ON NM	35,50	-2,74	9.376
IGUATEMI ON NM	31,69	-2,28	7.547

TR/TBF/Poupança/Poupança Selic (%)				
22/9 a 22/10	0,0000	0,1485	0,5000	0,1159
23/9 a 23/10	0,0000	0,1485	0,5000	0,1159
24/9 a 24/10	0,0000	0,1485	0,5000	0,11

No mundo			
	Pontos	Dia%	Mês% Anão%
● Nova York DJIA	27.173,96	1,34	-4,42 -4,78
● Frankfurt - DAX	12.469,20	-1,09	-3,68 -5,89
● Londres - FTSE	5.842,67	0,34	-2,03 -22,54
● Tóquio - NIKKEI	23.204,62	0,51	0,28 -1,91

Tesouro Direto (*)			
	VENCIMENTO (*)	ANO (%)	RS
Tesouro IPCA	15/8/2026	2,63	2.855,21
	15/5/2035	3,93	1.895,94
Com Juros Semestrais	15/8/2030	3,25	4.103,59
Tesouro Prefixado	1/1/2023	4,33	908,87
	1/1/2026	6,91	703,94
Tesouro Selic	1/3/2025	0,11	10.655,71

(*) TÍTULOS A VENDA

Inflação (%)			
Índice	Julho	Agosto	No ano 12 Meses
INPC (IBGE)	0,44	0,36	1,16 2,94
IGPM (FGV)	2,23	2,74	9,64 13,02
IGP-DI (FGV)	2,34	3,87	11,13 15,23
IPC (Fipe)	0,25	0,78	1,37 3,19
IPCA (IBGE)	0,36	0,24	0,70 2,44
CLUB (Sindicson)	1,00	0,65	3,15 3,50
FIPEZAP-SP (Fipe)	0,38	0,47	2,46 2,83

Índices de reajuste do aluguel (Setembro)			
IGP-M (FGV)	1,1302	IPCA (IBGE)	1,0244
IGP-DI (FGV)	1,1523	INPC (IBGE)	1,0294
IPC-FIPE	1,0319	ICV-DIEESE	-

FATORES VÁLIDOS PARA CONTRATOS CLU ULTIMO REALISTE OCCOR-REU HÁ UM ANO MULTIPLIQUE O VALOR PELO FATOR

INSS - Competência (Setembro) Trabalhador assalariado e doméstica*			
SALÁRIO DE CONTRIBUIÇÃO ALÍQUOTA			
Até R\$ 1.045,00			7,5%
De R\$ 1.045,01 até R\$ 2.089,60			9%
De R\$ 2.089,61 até R\$ 3.134,40			12%
De R\$ 3.134,41 até R\$ 6.101,06			14%
AUTÔNOMO (BASE EM R\$) ALÍQUOTA A PAGAR (R\$)			
De 1.039,00 a 6.101,06	20%	De 207,80 a 1.220,21	
Vencimento 7/10 O percentual de multa a ser aplicado fica limitado a 20% mais taxa Selic.			

CDB - CDI			
DATA	TAXA ANO	TAXA DIA	MÊS% ANO%
CDB (20/31)	1,92	0,00	0,52 -56,46
CDI	1,90	0,00	0,00 -56,82

Agricultos - Mercado Futuro						
	Venc.	Aju.	C. Abe.	Min.	Máx.	Var. %
Açúcar NY*	DUT/20	13,00	77,610	12,83	13,03	1,25
Café NY*	MAR/21	115,20	67,791	112,60	115,85	2,08
Soja CBOT**	NOV/20	10,03	401,557	9,953	10,080	0,25
Milho CBOT**	MAR/21	3,733	253,852	3,715	3,758	0,27

* Em cents por libra peso (** Em US\$ por bushel)

Agricultos - Mercado Físico			
	Ute	Var. (%)	Var. 1 ano (%)
Soja			
CEPEAESALQ, R\$/ic 60 kg	143,72	-0,80	77,59
Milho			
CEPEAESALQ, R\$/ic 60 kg	252,55	0,00	59,24
Café			
CEPEAESALQ, R\$/ic 60 kg	62,45	1,91	61,00
Açúcar			
CEPEAESALQ, R\$/ic 60 kg	542,54	1,16	23,81

Moedas e Commodities			
	Venda	Dia %	Mês % Anão %
Dólar Comercial	5,5553	0,81	1,36 38,47
Dólar Turismo	5,6970	0,71	1,14 36,95
Euro	6,4580	0,44	-1,28 43,70
Ouro	329,000	0,46	-3,94 62,35
WTI US\$/barrel	40,0000	-0,17	6,33 -34,65
Brent US\$/barrel	41,8200	0,09	-8,21 -36,64

Dólar americano				
	US\$ 1NY	1 Euro/ Europa	1 Libra/ Londres	RS 1/ Brasil
Dólar americano	1,000	1,0628	1,2742	0,0800
Euro	0,880	1,0000	1,0968	0,1548
Franco suíço	0,939	1,0801	1,1835	0,1672
Libra esterlina	0,785	0,9026	1,0000	0,1410
Iene	105,576	122,7640	124,5220	18,0000

AS MOEDAS NA VERTICAL VALOR DE COMPRA SOBRE AS DEMAIS. FONTE: IDC